Perturbações paradigmáticas: De como movimentar os sedimentos

Paradigmatic disturbances: How to move sediments

Ione Bentz[1]

Dra. em Linguística e Semiótica/USP; professora pesquisadora PPG Design – Mestrado e Doutorado/UNISINOS. Estágios pós-doutorais em Paris III-Sorbonne, Especialização na Fundação Calouste Gulbenkian, Lisboa. Graduação em Letras e Mestrado em Teoria Literária – PUC/RS. Líder do Grupo de Pesquisa Design Estratégico para a Inovação Social e Cultural (GDEICS)/UNISINOS e integrante do Grupo de Pesquisa Semiótica e Culturas da Comunicação (GPESC)/UFRGS. Autora de livros e artigos especializados.

Resumo

Este texto está organizado em duas partes: Prolegômenos e Provocações. Na primeira parte, faz uma homenagem a Alexandre Rocha da Silva, prematuramente falecido; na segunda, faz a crítica a um conjunto de trabalhos apresentados na Jornada de Pesquisa do grupo de pesquisa – GPESC. Esses trabalhos reafirmavam os princípios neoestruturalistas, em suas diversas vertentes, como matrizes interpretativas. O objetivo é apontar a possibilidade de 'avanço estratégico', a partir de ideias oriundas da teoria da complexidade. Assim, a aplicação de conceitos como transdisciplinaridade, ecossistemas, incerteza e disrupção e dos princípios recursivo, dialógico e hologramático tem potencial para renovar as metodologias e as práticas da comunicação. Nesse sentido, significação e comunicação ficariam mais próximas do pragmatismo de Peirce do que dos estruturalismos inspirados em Saussure.

Palavras-chave: estruturalismos, complexidade, significação, comunicação.

Abstract

This text is organized in two parts: Prolegomena and Provocations. In the first part, it pays homage to Alexandre Rocha da Silva, who died prematurely; in the second, it criticizes a set of works presented at the Research Journey of the research group – GPESC. These works reaffirmed the neo-structuralist principles, in their various aspects, as interpretive matrices. The objective is to point out the possibility of a 'strategic advancement', based on ideas derived from complexity theory. Thus, the application of concepts such as transdisciplinarity, ecosystems, uncertainty and disruption and the recursive, dialogic and hologrammatic principles have the potential to renew communication methodologies and practices. In this sense, meaning and communication would be closer to Peirce's pragmatism than to structuralisms inspired by Saussure.

Keywords: structuralisms, complexity, meaning, communication.

In memoriam

Alexandre, inteiro, intenso e marcante. Assim estás entre nós, *vivo, no silêncio estridente de tua ausência.*

1. Os prolegômenos

Que bom que existem outras instâncias de vida e que poderemos voltar a estar juntos, integralmente! É o que nos anima. Estamos separados, temporariamente, e uma grande mesa de debate nos espera logo ali, junto aos outros amigos que já estão e à espera dos que chegarão. Consigo visualizar o espaço que Alexandre já organizou, o coletivo que está construindo e os agenciamentos em curso. Uma rede está em formação. Destinação única do ser humano, um dia desses, meio contra a vontade, estaremos chegando.

1 Professora pesquisadora PPG Design-Unisinos. Orcid: https://orcid.org/0000-0002-9149-5701. Lattes: http://lattes.cnpq.br/6519799563088833. E-mail: ioneb@unisinos.br

Entretempos, celebremos o que nos foi dado viver. De 1990 a 2021, 31 anos de afetuosas trocas. Amor que vai daqui e vem de lá, desafios que chispam pelos ares, carinhos que curam e 'petelecos' que estimulam. Nesse tempo transcorrido, mais longe ou mais perto um do outro, distanciamentos decorrentes de contingências da vida, Alexandre esteve sempre presente em mim e eu, nele. Amizade incondicional, respeito mútuo, estimulação permanente. Sério, rigoroso, criativo e companheiro, generoso e afetivo compunham, em uma só pessoa, o colega e o amigo.

Reverencio o *aluno* – dos bancos da Fabico/UFRGS ao TCC; do mestrado e do doutorado no PPG em Comunicação da UNISINOS; o *colega pesquisador* do Grupo de Pesquisa Semiótica e Culturas da Comunicação (GPESC); *o cidadão*, militante ativo e incansável em prol da justiça social; enfim, simplesmente o ser humano, forjado nas contradições e desafios que nos fazem crescer, nas virtudes e nos defeitos que nos habitam.

> *O eu profundo é o eu que não pode ser pensado. Embora atingido pela fragmentação imposta pela inteligência e pela linguagem na observação do eu, ele indica também a realidade desse eu que se esconde. O eu profundo é uma força, uma totalidade, uma transformação contínua, um devir permanente. A realidade de nossa própria pessoa e seu escoamento através do tempo é um sentimento de esforço contínuo, indivisível, em mutação e imprevisível (Bergson).*

2. As provocações

Epígrafe

> *"O capitalismo global é insustentável do ponto de vista social e ecológico, e por isso politicamente inviável a longo prazo"* (Capra).

A escolha dessa epígrafe tem uma abrangência que extrapola os limites deste texto, mas pode ser moldura do trabalho desenvolvido pelo Grupo de Pesquisa Semiótica e Culturas da Comunicação (GPESC), no âmbito do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da UFRGS. O evento Jornada de Pesquisa do GPESC reuniu um conjunto de trabalhos cuja discussão, ao longo de sua realização, serviu de inspiração para este texto; também os temas nele referidos tiveram a mesma motivação. Este texto é a última provocação formal feita ao professor Alexandre e que permaneceu virtual. Outras foram, então, suas inquietações, outros, seus amores teóricos, verdadeiras dispersões produtivas. Em termos gerais, os trabalhos reafirmavam os princípios neoestruturalistas (depois chamados de pós-estruturalistas), em suas diversas vertentes, como matrizes interpretativas. É o caso, por exemplo, de abordagens 'pela semiosfera como espaço semiótico de relações', 'de regularidades sistêmicas', 'lacunas melhores que imagens', 'violência e absurdo', 'organização parcial e desorganização temporária', 'a diferença como organização' e 'menos regularidades e mais diferenciações', por exemplo. Em paralelo, surgem indícios de potenciais mudanças de paradigma, o que motivou o título "Perturbações paradigmáticas". Seriam eventuais perturbações as referências a '*autopoiesis* da cultura', 'transtextualidade', 'assombro e caos criador', 'ecologia da bolha' e 'transformação contínua', tópicos que sugerem termos da teoria da complexidade, paradigma emergente nos estudos contemporâneos?

Este texto, de modo indireto, põe em questão visões contrapostas entre as noções de sistema que foram marcadas pelo pensamento clássico neocartesiano que considerava o todo e as partes como separáveis; pelo pensamento estruturalista (Granger, 1972; Lévi-Strauss, 1977; Greimas, 1976), para o qual a totalidade compreendia elementos em sistema de relações possíveis, cuja expressão estruturante/estruturada corresponderia a uma dada escolha prevista no sistema; o pensamento sistêmico apresentado por Bertalanffy (2010), segundo o qual o todo era trabalhado de modo sistêmico, ou seja, respondia à intenção de manter o sistema harmonioso em seu todo circunscrito; e o pensamento complexo, repercutido nos trabalhos de Morin (2003), para o qual um sistema é uma totalidade não reduzível a partes, elementos, relações ou quaisquer outras dualidades, mas se constitui na simultaneidade do um no todo e do todo no um e nas translações que podem produzir entre si as relações consideradas.

As abordagens sistêmicas têm o mérito de derrubar a crença na verdade absoluta em favor do postulado de que da realidade só se pode alcançar uma fração, cuja descrição será sempre apenas aproximada. Por outro lado, como o pensamento sistêmico é processual, a estrutura passa a ser compreendida como manifestação de processos subjacentes que, por sua vez, constituem redes de relações dinâmicas inter-relacionadas que podem, também, ser imprevisíveis. Tais abordagens retomam, também, a noção de sujeito, pois os sistemas sobrevivem independentemente de haver sujeito ou processo de conhecimento, o que é válido para as ciências da natureza, mas precisa ser reinterpretado ao se tratar das ciências humanas e sociais. De modo similar à cooperação reconhecida nos sistemas naturais, ela foi transposta para os sistemas humanos e tem pautado uma parte expressiva de pesquisas. Nessa passagem, haverá outros acréscimos trazidos pela agregação da complexidade às teorias sistêmicas.

Sem considerar essa diversidade de posições científicas, o que se pode afirmar é que a substituição da concepção do todo constituído por partes pela visão de sistemas, em suas interpretações diferenciadas, é motivação para trabalhar a complexidade. Dado que o conhecimento é cumulativo, é frequente que co-ocorram conceitos oriundos de paradigmas teóricos distintos, cujas reinterpretações fazem avançar o conhecimento. De qualquer forma, o importante é que o cenário é de movimento crítico e de transformação teórica em busca de explicações para as questões humanas.

O pensamento estrutural: recuo tático

A proposta de modelo para descrição linguística em sua dimensão textual e discursiva responde às intenções deste texto. Sua concepção deve prever critérios para garantir a coerência, exaustividade e simplicidade da descrição; e conceitos que fundamentem as categorias e sua integração, inspirados no quadro das ciências da linguagem. De vocação científica, torna relevante a univocidade da linguagem, situada no nível metalinguístico que a refere.

Historicamente, as classes de elementos propostas organizam os conteúdos semióticos-semânticos, com base em uma relação de imanência. Tais conteúdos são explicitados pelas relações que os hierarquizam. As classes e relações ocorrem no nível metalinguístico que reúne condições para comportar os conteúdos manifestados pelos textos a serem descritos. A descrição, portanto, é uma atitude determinante na construção de um modelo que tenha elementos sugeridos pelo espaço a ser analisado e incluídos no quadro geral das categorias do discurso, ao mesmo tempo que atualiza as mensagens contidas em estruturas elementares da significação, nos limites da isotopia escolhida.

A língua não é só um sistema de signos, mas também um sistema de estruturas. A noção de sistema é fundamental e está presente na base das diversas linhas neoestruturais. Toda tentativa de conhecer o objeto "deve passar por uma redução da experiência a um sistema de marcas correlativas" (Granger, 1967, p. 2). Assim, a presença das marcas parece dizer mais adequadamente da estrutura como presença de termos em relação e da apreensão do sistema através de tal relação. Quando se fala de "predomínio do sistema sobre os elementos" (Bastide, 1971), substitua-se por domínio do sistema, uma vez que não há um sistema que se sobreponha aos elementos, mas elementos que somente se atualizam em uma rede de relações sistêmicas.

A relação entre dois termos é condição necessária para a significação. Tal relação constitui uma estrutura. Logo, significação pressupõe uma estrutura e seu estudo é a explicitação das estruturas que a possibilitam. A relação de conjunção e de disjunção entre dois termos – alicerçada no "problema da semelhança e da identidade, da diferença e da não-identidade" – Greimas (1976) chama de estrutura elementar da significação. A isotopia, teia de redundância que desenha o significado no desenrolar da narrativa, trabalha com níveis semânticos homogêneos, como significado global de um conjunto de significantes. Essa realidade interpretada como "estrutural, de manifestação linguística" (Greimas, 1977) possibilita a homogeneidade descritiva**.** Na sequência, esse mesmo autor aponta como fundamental que ao processo de redução e estruturação corresponda o de homologação e generalização.

A rigor, a oposição entre o caráter teórico e representativo merecia discussão, uma vez que os modelos já possuem marca de representatividade. Por isso mesmo é que para as representações literais ou figurativas foi conferido um papel redundante. Qualquer que seja sua classificação, os modelos permitem a apresentação da realidade pelo pensamento, na medida em que são instrumentos de ordenação. E, nessa direção, sendo os modelos construções humanas, resultantes da relação dialética entre linguagem e mundo, a apreensão da realidade corresponderá, sempre, a porções dessa realidade. O objeto é, em determinado momento, aquilo que é percebido como objeto; uma zona de sombras, de virtualidades, corresponde às angulações possíveis a que ele possa submeter-se. Mesmo os modelos chamados de 'complexos', em que um grande número de elementos em vários planos possam ser configurados, não esgotam sua significação.

Um mesmo objeto sugere a construção de diferentes modelos que, por sua vez, privilegiam diferentes elementos e relações. Em seus diversos estágios, a proposta de modelos é opção – no ato de escolha do percurso metodológico e na proposta de diagramas – e, ao mesmo tempo, restrição, enquanto estabelecimento de premissas e pressupostos. Sobre os pares sincronia e diacronia, oposição e fusão e sintagma e paradigma, cabe relembrar que oposição remete a paradigma e diacronia, e fusão, a sintagma e sincronia. Isso significa que, embora as dicotomias não sejam pré-estruturadas, mas dinâmicas porque relacionais, há uma permanência categorial significativa.

Mas, como os conceitos devem ser vistos como criações que possibilitem o conhecimento do objeto e não como instrumentos de separação, seccionamento e mutilação dos componentes objetuais, o que se quer salientar é o caráter recorrente e não exclusivo de certos pares, ou seja, os componentes de um paradigma ou sintagma podem receber um tratamento diacrônico e/ou sincrônico. No momento em que forem usados somente na tarefa de decomposição, ou quando o pesquisador confundir objeto

e conceito, certamente os instrumentos conceituais perderão a sua relevância.

Retomadas as observações sobre modelo, não é fácil aceitar que os fatores diacrônicos – responsáveis pelo estabelecimento das causalidades – sejam os únicos capazes de introduzir um componente dinâmico no modelo, ao contrário do simples registro de estruturas sucessivas. O caráter dinâmico ou estático de um modelo afirma-se bem antes, ou seja, ao propor o conceito de estrutura em que os elementos sejam compreendidos como "estruturados e estruturáveis", como um conjunto que compreende os caracteres de totalidade, transformação e autorregulação (Piaget, 1972).

Parece relevante operar com o conceito de domínios assim nomeados: o domínio literal, prático e semiótico. O literal é constituído pelos textos a serem analisados em nível de linguagem-objeto; o domínio prático corresponde aos domínios da experiência, como "zona temática vasta ligada à experiência do grupo" (Pottier, 1985), forma de designar o conjunto de atividades e interesses da sociedade humana. Ao lado do domínio prático, aparece o semiótico, concebido como uma rede de relações estruturais que possibilita o preenchimento semântico do espaço semiótico, ambos em nível de metalinguagem.

Na verdade, os domínios apresentados completam a proposta anterior que separa semiótica e semântica conforme correspondam à forma ou à substância do conteúdo. Segundo o autor acima citado, o domínio semiótico é passível de ser descrito sistematicamente, portanto, é apreensível em suas estruturas; o domínio semântico, resultante de preenchimentos conteudísticos particulares, situado em zona fronteiriça aos demais campos do saber e de configuração consequentemente variável. Ele adquire sua expressão através das categorias semióticas. Realizando-se o domínio semiótico no plano da forma da expressão e do conteúdo e o domínio semântico no plano da substância da expressão e do conteúdo, é o par semiótica/semântica que referencia os planos e componentes graças aos quais é possível a abordagem do processo de significação.

Uma trajetória de pesquisa longa e produtiva desenvolveu o pensamento estrutural, que, já na origem, era 'muitos e diferentes pensamentos', em direção ao que se chamou de pós-estruturalismos. Assim, vêm sendo ressignificados conceitos como os de realidade representada, imanência e pertinência, comutação, compatibilidade e integração. Amplia-se o modo de pensar dialógico, relacional, dual e diferencial; revisita-se a noção de sistema e de valor, mas mantém-se o princípio metodológico da diferença e das semelhanças; e amenizam-se as críticas ao 'antis' – empirismo, historicismo, psicologismo e sociologismo – e à acronia. A formulação de uma ciência sem sujeito ganha reforço, com outras compreensões, nas teorias pragmáticas. É preciso que se diga, a esse respeito, que se fala de um sujeito intersubjetivo, não inexistente, mas dissipado. O caráter taxinômico do modelo e a formulação de gramáticas têm sido objeto de discussões das quais decorrem reformulações afetadas pelos paradigmas emergentes, como é o caso do pensamento complexo.

Os avanços pós-estruturalistas podem ser creditados a muitos e importantes pesquisadores. A escolha, aqui, é materializar em Deleuze (2010) a mediação entre 'o recuo tático e o avanço estratégico', perífrases que nomeiam dois tópicos deste artigo. Para tanto, discorre sobre os critérios que esse autor aponta como diferenciais. A ordem simbólica, fundamento da interpretação, não se reduz ao real ou ao imaginário; "o imaginário tende a refletir e a reagrupar sobre cada termo o efeito total de um mecanismo de conjunto, ao passo que a estrutura simbólica assegura a diferenciação dos termos e a diferenciação dos efeitos". O critério local ou de posição elimina a diferença entre intrínseco e extrínseco, uma vez que a estrutura tem apenas "o sentido de posição como único e necessário". Esses lugares podem ser ocupados por quaisquer seres e são definidos pela sua presença, o que expressa a vocação topológica e relacional dessa abordagem. Já as relações que os elementos estabelecem entre si, sem as quais não existem, definem-se segundo o critério diferencial e singular. Formuladas como relações de independência e autonomia, de determinação de valor e de reciprocidades, vêm sendo reinterpretadas por uma série de outras relações lógicas. Assim se autodefinem os sistemas de relações diferenciais e o de singularidades na construção de estruturas pela multiplicidade. O critério diferenciador e diferenciação assim se sintetiza: "Toda diferenciação, toda atualização é feita segundo dois caminhos: espécies e partes. A estrutura é diferencial em si mesma e diferenciadora em seu efeito". O tempo é sempre tempo de atualização: vai do virtual ao atual, da estrutura à sua atualização. A dinâmica da estrutura depende da completude entre elementos simbólicos, seriais. As séries referem-se umas às outras, condição de seu funcionamento. É o deslocamento do objeto simbólico entre as séries que produz o sentido da casa vazia, uma vez que esse deslocamento se dá sempre em relação a si próprio. Esses deslocamentos distribuem-se por toda a estrutura de que decorrem variações e diferenciais.

O pensamento complexo: avanço estratégico

Este chamado 'avanço estratégico' tem o objetivo de olhar para os estímulos que novos paradigmas sugerem já desde o final do século XX e emergentes neste

recém-iniciado século XXI. Uma primeira referência é à substituição do conhecimento disciplinar, dominante na sociedade científica, pelo conhecimento transdisciplinar. É o que Morin (2001) chama de "religação de saberes". Essa perspectiva parece mimetizar a natureza em sua prática intrinsecamente colaborativa, no sentido de que os problemas de pesquisa possam inscrever-se em espaços desde a origem não circunscritos a programas disciplinares, contrapostos a inter multi disciplinaridades. Estimulado pelo que pode representar para inovação prático-conceitual, este texto abordará alguns pontos escolhidos por relevância imediata à temática aqui posta. A noção de sistema é o ponto de partida.

Optou-se por revisitar Capra (2005), Morin (2005) e Luhmann (2010) no que se propõe para sistemas e ecossistemas em organismos vivos e organismos sociais. De acordo com Capra, a nova percepção do mundo se pauta na consciência de um estado de inter-relações e interdependências inerentes aos fenômenos físicos, psicológicos, biológicos, sociais e culturais. Entende os sistemas como totalidades integradas com propriedades não reduzíveis a unidades menores, pois uma vez o sistema fragmentado em elementos isolados, as propriedades sistêmicas desaparecem. Para Capra, a maioria dos sistemas vivos se organizam em muitos e variados níveis, realizam percursos em diferentes direções, sem que haja o domínio de nenhum, "sendo que todos os níveis interagem em harmonia, interdependentes, para sustentar o funcionamento do todo" (Capra, 2005, p. 274).

Os ecossistemas são compreendidos como conjuntos de espécies materiais, naturais ou sociais, cujos padrões de organização são de natureza complexa e dinâmica, e cujos elementos estão em constante interação. Esses sistemas relacionais têm capacidade de adaptação e assumem importante papel na construção e manutenção da sustentabilidade natural e social. Considerados esses princípios (Morin, 2005), os ecossistemas são criativos pela sua própria dinâmica em que ordem e desordem, multiplicidade e transformação são constantes e simultâneas.

Esses sistemas contêm em si o imprevisto e a incerteza, ou seja, não se pode ignorar a possibilidade de que algum imprevisto (fricção no ecossistema) exija a adesão de sistemas até então externos ao ecossistema desenhado. No sistema complexo, podem surgir, portanto, novos estados que determinam um nível de organização diferente do anterior, por decorrência da dinâmica das propriedades sistêmicas. Nesse sentido, essa formulação considera todos os elementos internos ao ecossistema que está em permanente mudança relacional.

De todas as qualidades de um sistema no paradigma da complexidade (Morin, 2003) ressaltam-se os princípios de processos integrativo, recursivo, dialógico, poliscópico, autônomo e de reintrodução do conhecimento. Em termos de princípios, as dimensões físicas, biológicas, espirituais, culturais e históricas do que é humano se comunicam por processos polioculares ou poliscópicos que respondem ao princípio das interconexões (das redes). Por outro lado, a adaptabilidade que garante a manutenção e o ajuste a mudanças na mesma temporalidade corresponde ao princípio da autonomia (da autorregulação, da dependência, da adaptação e da evolução), na dinâmica do sistema. Já o princípio da reintrodução do conhecimento reconhece que todo o conhecimento é reconstrução/tradução da mente e sofre a interferência do sujeito (sem a dissociação sujeito/objeto); e o princípio da recursão corresponde à percepção de que as causas agem sobre os efeitos e vice-versa, do que resulta um equilíbrio dinâmico feito de continuidades e de rupturas.

Retomados o conceito de ecossistema e os princípios e os processos propostos pela teoria da complexidade sob a perspectiva da comunicação, é possível dizer que o mais relevante dentre eles é o processo autopoiético, responsável pela criação de relações ecossistêmicas autogeradas, no espectro dos fractais e das disrupções. Recursividade e conexões em rede operam no processo. E a razão principal de trazer à discussão esses fundamentos é a de identificar o potencial desse tipo de episteme para a metodologia de investigação e de prática da comunicação. Nessa perspectiva, resta investigar como esses princípios podem sustentar uma compreensão diferenciada para esse campo de conhecimento. A presença de índices desse tipo de pensamento nos trabalhos apresentados no evento inicialmente citado aponta para a propriedade de considerá-lo na reformulação dos modos de repensar os processos midiáticos como acontecimentos comunicacionais. Nesses termos, tomada como indissociável a relação entre significação e comunicação, ambos seriam afetados pelos princípios da complexidade, talvez mais próximos ao pragmatismo peirceano do que às dicotomias e classificações neosaussereanas.

Na sequência da provocação pretendida, poderia ser o conceito de ecossistema (como equilíbrio/preservação) o ponto de partida para pensar os processos significativos nas novas sociabilidades? Não seriam as relações ecossistêmicas as que melhor poderiam expressar a duração e a mutação como uma totalidade dialógica, recursiva e hologramática? Trata-se de perguntas no mínimo instigantes e que remetem ao alinhamento com as perspectivas da teoria da complexidade (Morin, 2005/2003; Maturana e Varela, 1984; Capra, 2005), segundo as quais os sistemas são complexos, estão orientados por princípios indissociáveis e em permanente interação, e, dentre outras consequências, todos os movimentos que ocorrem no ecossistema atingem o sistema como um todo. A realidade

é compreendida como ecossistema e é reconhecido que há propriedades inerentes a cada nível de complexidade. O aumento da complexidade sistêmica é o elemento que promove a diferenciação, e toda diferenciação implica redução de complexidade. Em relação à realidade há um paradoxo, pois o homem conhece a realidade por ser excluído dela, ou seja, um paradoxo: "Nós conhecemos a realidade porque somos excluídos dela", ou os sistemas cognitivos operam como sistemas abertos que se fundamentam em seu fechamento (Luhmann, 2010).

À guisa de motivação, o que seria das 'unidades mínimas'? Seriam substituídas por um sistema de relações definidor da posição dos elementos na cadeia de significantes?

O que seria da 'criatividade ecossistêmica como é inerente ao sistema'? Ora, os sistemas sociais são autorreferenciais porque capazes de operar com base em suas próprias operações constituintes (fechados operacionalmente em si) e autopoiéticos porque se autorreproduzem a si mesmos como unidades sistêmicas.

O que seria do 'imponderável ou da imaginação'? Os ecossistemas podem produzir organizações determinadas e estáveis, mas o que podem ter de mais relevante é sua instabilidade, ou seja, a possibilidade de que elementos não previsíveis interfiram nas interações, de modo a surpreender e fazer com que novos arranjos conectivos se estabeleçam.

E o que seria da 'presença do movimento/das transformações nos ecossistemas'? Esses movimentos apontam para atualizações que fomentem ações transformadoras. A autonomia dos sistemas e sua permanente inconstância tornariam as ações transformadoras em si, inerentes a suas próprias condições de produzir surpresas.

Eis alguns movimentos de pesquisa ou perguntas que, por circunstâncias, ficaram sem desdobramentos no espaço específico do GPESC, liderado pelo Alexandre. O caminho para desenhá-los foi o de contrapor o pensamento estrutural mais 'de raiz', seguir pela mediação feita pela ilha deserta e apresentar, de modo idiossincrático, o pensamento complexo. Sobre esse último, em particular, representa menos conhecimento consolidado e mais um paradigma em estudo. Este apresenta dificuldades de ordem: dos avanços sobre sistemas; da migração de conceitos do mundo natural para o mundo dos seres 'sociais'; da diversidade de releituras que oferecem; das diferenças substanciais em relação ao pensamento estrutural, entre outras. A pesquisa aplicada assim orientada deve beneficiar-se do tensionamento produzido por 'perturbações paradigmáticas'.

Referências

BASTIDE, R. 1971. *Usos e sentidos do termo 'estrutura'.* São Paulo, Herder-EDUSP.

BERTALANFFY, L. 1968. *Teoria geral dos sistemas.* Petrópolis, Vozes.

CAPRA, F. 2005. *Conexões ocultas: ciência para uma vida sustentável*. São Paulo, Cultrix.

DELEUZE, G. 2010. *A ilha deserta*. São Paulo, Iluminuras.

GRANGER, G.G. 1967. *Pensée formale et sciences de l'homme.* Paris, Aubier-Montaigne.

GRANGER, G.G. *et al*. 1972. *Estruturalismo y historia*. Buenos Aires, Nova Visión.

GREIMAS, J.A. 1976. *Sémantique Strucuturale: Recherche de méthode*. Paris, Larousse.

GREIMAS, J.A. 1977. *Semiótica narrativa e textual.* São Paulo, Cultrix/EDUSP.

LÉVI-STRAUSS, C. 1977. *Antropologia estrutural.* São Paulo, Cultrix.

LUHMANN, N. 2010. *Introdução à teoria dos sistemas.* Petrópolis, Vozes.

MATURANA, H.; VARELA, F. 1984. *Árvore do conhecimento: as bases biológicas da compreensão humana*. Campinas, Palas Athena.

MORIN, E. 2005. *Introdução ao pensamento complexo.* Porto Alegre, Sulina.

MORIN, E. 2003. *O método 1: a natureza da natureza.* Porto Alegre, Sulina.

MORIN, E. 2001 *A religação de saberes: o desafio do século XXI.* Rio de Janeiro, Bertrand Brasil.

PIAGET, J. 1972. *O estruturalismo.* São Paulo, Difusão Europeia do Livro.

POTTIER, B. 1985. *Linguistique Générale: théorie et description.* Paris, Klincksiek.

Artigo submetido em 11.10.2021
Aceito em 11.10.2021